



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração - Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa - PORTUGAL
Enc. telegr. Talhada - Lisboa • Telefones:
Officinas de impressão - Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ - PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A LOUCURA DOS DIRIGENTES

A guerra não só matou e feriu milhões de homens, amontoando milhares de ruínas, mas parece também que arremessou os homens para fora da sua órbita habitual. A atmosfera móbica gerada por milhões de feridos, o enfraquecimento dos seres provocado em toda a parte por uma alimentação monótona e insuficiente, quer em quantidade, quer em qualidade, a tensão nervosa criada até ao esgotamento tanto pelos combatentes como pelos não combatentes, provocou um envenenamento geral do organismo, desmoralizando-o, infectando-o. As várias epidemias, o acréscimo da criminalidade, apareceram nos combates deste estado de coisas. A má nutrição e tensão nervosa, efeito do estado emocional intenso e permanente, durante a guerra e depois do mistério, fizeram sofrer as células nervosas uma tal desnutrição que os homens deixaram de raciocinar. Pode-se afirmar que existe um verdadeiro estado de loucura coletiva. As paixões e os sentimentos sobreexcitados não permitiram um exame calmo da situação, e não consentiram que o raciocínio permanecesse fixo a conduzir a seguir. As massas são por toda a parte manidas numa atmosfera de ignorância e de obscurantismo que as conduziu às piores tolices, e das não possuíssem uma espécie de intuição inconsciente dos seus interesses longínquos e imediatos. As classes dirigentes e governantes não gosam do mesmo privilégio, porque, se o seu sistema nervoso, mais sensível, foi mais intensamente soado com mais intensidade a desorientação devida à guerra. Estas classes actuam directamente em sentido contrário não só nos interesses dos povos, mas ainda nos seus próprios interesses de classe ou de casta. Actuam em condescendência com todas as suas declarações e afirmativas, feitas desde Agosto de 1914. Tornaram-se bem depressa a presa dum loucura real, cujo âmbito se estende pelo mundo inteiro, porque os fenómenos económicos e sociais do período de guerra só concorreram para a conservar. As provas abundam, visíveis, tangíveis e palpáveis, pode-se dizer, para qualquer razoável observador. Enumeremo-las, não a todas, porque algumas nos escapariam certamente.

Na Conferência da Paz, as pequenas nações aliadas e associadas foram tratadas numa tutela deprimente, sem outras razões que as do maior forte. As pequenas nações neutras foram ainda menos bem tratadas. E aqui, surgiu uma atmosfera de descontentamento e até de ódio para com os cinco ou quatro autocratas. Por toda a parte se ouviu dizer, e se viu escrever, aos homens políticos, aos jornais sérios, aos governantes: que a Alemanha pagaria! Raros foram os que reflectiram e viram que a Alemanha não poderia pagar senão uma pequena parte dos quinze bilhões que pelo menos custou a guerra. E mais raros eram e são ainda os que sabem que quanto maior for esta pequena parte, maior deverá ser o interesse dos aliados em desenvolver a indústria e o comércio alemão. Chegou-se a ouvir afirmar a um ministro das finanças francês que a França, sangrada até ao esgotamento, cheia de ruínas ao Norte e ao Este, se enriqueceria!

Assistimos a espectáculos nunca vistos: ministros das finanças sem outra política financeira que a do recurso ao acréscimo da circulação fiduciária, e parlamentares que às cegas os acompanhavam nesta corrida vertiginosa para o abismo. A inflação fiduciária cresce: 36 bilhões em França, 45 na Alemanha, sem falar da dívida flutuante, ou da dívida nacional. E isto promete continuar! Tem-se ouvido, e ouve-se ainda, professores de direito pedir, em nome do direito, que as potências aliadas promulgassem leis de efeito retroactivo, ou que se punam os subalternos que obedeceram às ordens dos seus chefes, enquanto estes se conservavam impunes! A intelectual, a membros de corporações científicas, habituados ao espírito crítico, temo ouvir a falar o ter-se feito um armistício que deteve a matança e arrebatou à França a sua vitória militar (!), isto é, que impediu os seus soldados de ir para Berlim, no meio de combates, ou por outra: entre mortos e feridos. Há até quem censuram à América a sua intervenção, esquecendo a situação do 1918, e quem estes mesmos intelectuais que lançavam anátemas ao espírito dos intelectuais alemães posto a nu no famoso manifesto dos 93. Mas não reparam que este estado de espírito é idêntico.

Vemos grades e cadeias. Estados europeus rivalizam em apetites imperiais, e esboçam o princípio dos povos «poderem dispor livremente de si mesmos». O princípio por todos os governantes da Entente de 1914 a 1918, quando queriam libertar as pequenas nacionalidades e implantar uma paz universal e justa! Assistimos a tentativas que exigem só o desarmamento da Alemanha, deixando o resto do mundo em luta com o flagelo do militarismo e do armamento. E quem é que reflecte nas consequências desta política? Os países, continuando esmagados pelas suas despesas militares, e as suas forças armadas diminuídas de toda a mão de obra e inteligência encasernadas, emquanto que a Alemanha se libertaria destes fardos! Vemos as liberdades restritas, mais ainda, que durante a guerra, fecharam-se as fronteiras, acrescendo as dificuldades na troca da correspondência, das viagens, das trocas de países, e, enquanto isto se dá, a carestia da vida por toda a parte aumenta, e cessar, porque passageiros melhores acarretam as medidas que se tomam para lançar pequenos «stocks» nos mercados. Na Alemanha assiste-se à repressão dos movimentos populares por um governo pseudo-socialista, que se dá a burguesia, dizima o proletariado. Vemos manifestar-se entre os aliados um medo terrível do bolchevismo, e vemos ao mesmo tempo que pela sua política de bloqueio e de esfomeamento se esforçam por o espalhar na Alemanha! Vemos os governantes ocidentais fazerem a guerra à República russa dos Soviéticos pelas armas e pelo bloqueio, sem lhe declararem a guerra! Vemos-lhes a guerra sem estarem autorizados pelos parlamentos, violando assim as próprias constituições. Vemos-lhes negando que haja guerra no próprio momento em que as suas frotas aéreas ou marítimas bombardeiam cidades russas. Vemos os parlamentos aceitarem esta situação ilegal e inconstitucional, que os seus chefes, transformando-os em «parlamentos rebeldes». Vemos os governantes ocidentais declararem oficialmente que não pretendem intervir na política interna da Rússia, e ao mesmo tempo fornecerem armas, munições, oficiais, homens, etc., a partidos reaccionários da Rússia. Vemos os jornais oficiais ou não, capitães, repletos de informações que no dia seguinte se desmentem e que a qual espírito crítico se apresentam como notoriamente falsas. Vemos as mentiras amontoadas sobre as mentiras, como nunca a imprensa já mais publicou.

Vemos as notas oficiais afirmarem o completo acordo entre os delegados à Conferência da Paz, quando entre eles reinava o mais absoluto desentendimento e se encontravam prestes ao rompimento. Vemos os governantes europeus e japoneses pretenderem manter a validade dos tratados secretos e publicamente tinham considerado caducos, na sua resposta a Wilson (Outubro de 1918). Qualquer palavra governamental é uma mentira, é uma mentira estúpida, que após alguns dias ou algumas semanas, se descobre aos olhos de todos. Vemos os governantes aliados apoiarem e manterem o militarismo alemão, por um pseudo medo do bolchevismo, quando a guerra a fizeram por baixo o militarismo alemão!

Vemos o governo social-democrata alemão auxiliar o despertar do militarismo, que tem por fim principal estabelecer a monarquia alemã e esmagar a social-democracia! Vemos os governantes aliados auxiliarem o desenvolvimento do centralismo alemão, esmagando as tentativas separatistas e federalistas de Ertz e de outros, quando o terminus da centralização alemã é um império de presa e um militarismo conquistador. Vemos os governantes ocidentais ajudar a Austria alemã a um esqueleto estatal, condenado a morrer de fome e não se agredir a Baviera e vemos-lhes ao mesmo tempo tornar interdita esta região. Vemos os governantes aliados reclamar a extradição do Kaiser por motivos políticos, sabendo muito bem que semelhante extradição constituiria uma infâmia! São estes mesmos governantes que exigem a entrega dos oficiais alemães acusados da violação das chamadas leis da guerra, isto no momento em que o militarismo alemão se tornou forte e quase popular, quando teria sido mais simples ter reclamado a entrega dos oficiais superiores e gerais, por ocasião do armistício, no momento em que o povo revolucionário triunfante os entregou com alegria.

Vemos um poeta, D'Annunzio, com alguns milhares de homens, conservar o mundo como suspenso e tratar de igual para igual com o seu governo. Vemos os sérvios quererem realizar pela força a Grande Sérvia contra os Croatas, e queixando-se ao mesmo tempo de que se empregue a força contra eles! Vemos os socialistas matarem-se na Rússia e na Alemanha!

Vemos os governantes da livre Alemanha prepararem leis contra os operários e socialistas, leis como o tatarismo nunca ousou apresentar. Vemos os governantes da Gran-Bretanha manter pela força das armas a união da Irlanda com a Inglaterra e o seu protectorado sobre o Egipto, quando a guerra mundial devia ter por fim: a libertação das pequenas nacionalidades chamadas a serem livremente de si próprias! Vemos os generais ingleses empregarem na terra o terrorismo como forma de governo, quando durante a guerra o terrorismo tinha sido oficialmente condenado pelos governantes britânicos. E' verdade que então se tratava do terrorismo alemão! Vemos os governantes aliados manterem pela santidade das convenções internacionais de Haia, e ao mesmo tempo violá-las nos tratados de paz que impõem, porque em contradição com as mesmas convenções se apoderam das propriedades dos particulares subditos das potências inimigas. Enfim, por toda a parte ouvimos pregar-se umas coisas e serem-se as diametralmente opostas, pois parece que a palavra foi dada aos homens com o fim de disfarçarem os seus pensamentos.

Mas, na verdade, todas estas contradições entre as declarações e os factos, estes actos irracionalmente, apaixonados e sentimentais, não serão a demonstração dum estado vesânico, cuja intensidade varia com os indivíduos? Poder-se-ia chegar a loucura destes homens, quando os vemos quererem realizar a calma e paz e na realidade semearem o vento e a tempestade?

Nunca a humanidade, na sua evolução milenária, teve uma lição tão longa e demorativa da noção da realidade das formulas e pessoal governante.

NOTAS & IMPRESSÕES

Entrudo à vista

Principiaram ontem a jogar o Carnaval comigo, advertindo assim a minha distração de que estamos na quadra divertida em que há licença - ou ela não fosse licenciosa - para, impunemente e até com risos de aplauso, se falar naquilo sem autorização do papa. A distração tem as suas fronteiras, eu compreendo-o, mas a criatura que tem gentilmente me avisou de que o rei Entrudo não estava já à porta - truz, truz - não teve razão para o fazer, porquanto eu não me tinha ainda transportado inteiramente à lua, se bem que para lá caminhasse a unhas de cavalo.

Parece-me que estou daqui a vê-los sorrir, supondo que eu realmente me encontrava, sem ter feito com Barba-Cane a viagem de Júlio Verne, no melancólico planeta, inseparável dos namorados, quando me caí na cabeça o tal molho de hortaliça. Escusam de sorrir; ainda não estava lá, confesso-o lealmente. De resto, estar na lua parece que não é desprezo nenhum, nem se perde a felicidade por causa disso. O sr. António José de Almeida foi muita vez acusado de lá estar e, em lugar de perder no conceito dos seus concidadãos, aconteceu-lhe precisamente o contrário. Não; eu não tinha vergonha nenhuma - porque ninguém a tem hoje - de o dizer, demais sendo uma coisa tão insignificante. Mas é que a verdade é só uma e eu, decididamente, não posso dizer as coisas às avessas. A simples pergunta ao cérebro em que diabo se haveria ele de entreter enquanto não chegávamos ambos ao teatro São Luís, onde a sr. Esperança Iris, há um mês, nos mostra, sorrindo e cantando, a data de contos de reis que gastou em *tailorés* e joias.

O cérebro - coitado, trabalha tanto - parece que se recusava, com uma insistência irritante, a aquiescer aos meus desejos, porque não queria pensar e a coisa alguma, atitude esta que me remetia a um estado verdadeiramente alívio e emboracado. Eu não sabia como iria conciliar vontades tão antagonicas. Um homem que quer pensar e um cérebro que só deseja pensar que não quer pensar é esquisito e objecto. Pareceu-me que ia endoidecer, ou que ia embrenhar-me nas regiões da metafísica, o que me fez empalidecer. Comecei, pois, a pôr-me pálido, senti que os cabelos tomavam uma posição vertical, e foi neste momento que uma mão de nabos, um repolho, uma couve merceana ou qualquer outra substância igualmente vegetal e ferocemente ofensiva os fez voltar um tanto bruscamente à sua situação anterior. Operou-se então uma modificação completa no curso dos meus pensamentos e, se, momentos antes, não saberia bem dizer se era eu que me movia ou se era transportado por alguma fantástica aeronave, desde então senti bem o terreno que pisava e medi bem a gravidade do rumo por onde a minha meia-distração me conduzia.

Devia ser um querubim a ociosa e gentilíssima menina, porque, enquanto eu apanhava o chapéu que, assustado, por uma banda, e por outra arremessado pela violência do choque, me caíra ao chão, ouvi um argentino gargarhar de quinze anos, estalejando-me nas bochechas, ao mesmo tempo que, apressadamente, subia em direcção à janela - não fosse a carestia das subsistências tornar latrocinica a minha mão - o cabaz da hortaliça que, como um raio, tombára sobre a minha cabeça.

Fiz uma figura ridícula, não há dúvida.

E' este, afinal, o mais vulgar resultado dos folguedos carnavalescos, sempre tam engraçados; e a sua finalidade, o seu objectivo imediato resumem-se em meter-se uma pessoa com quem não conhece, dizer-lhe duas ou três grossarias, sem que haja o direito de cólar, e estragar o arranjo a cada um, que seja amachucando-lhe o penante à tacadia, que embodegando-lhe de alto a baixo a farpela que tanta canceira custou. Também pode acontecer que aos carnavalescos apeteça espaciar-nos na figura um tomate podre, acaido ao pé de qualquer sargento, o que ainda tem mais graça. O Carnaval é isto, não é nada. Uns que gosam a seu modo, outros que são gosados. Uns que se riem por gosto, outros que se riem à força. Risos cor de rosa e risos amarelos. E não vale desconfiar, porque quem levou com uma *cocote* nos focinhos e refloiti, é muito capaz de se lambem com um calhau para se calar. E' preciso que cada qual ajuste a sua máscara. Os pusilânimes, os fracosos que não têm coragem para dizer ou fazer um certo número de coisas, buscam estes dias de folia para dar largas aos seus instintos. Aqueles que passam toda a sua vida a falar claro e a ver direito, tem também de afivelar a máscara e deixar-se ir na onda dos que - aqui para nós, muito problemática - se divertem. Nesses três dias pode ser-se grosseiro, indecente e malcriado. Tudo vai bem. Mas imaginem lá agora a cara desta menina que, em vez de estar remendando o casaco à paternidade, me atirou com o seu penacho, se eu, na quarta feira de Cinzas, a mandasse àquela parte que Cambronne indicou aos ingleses! Se calhar fazia-se encarnada e mandava-me prender...

Antero de LIMA.

UMA SITUAÇÃO INSUSTENTÁVEL

A crise da imprensa

Ao novo aumento do preço do papel corresponde o aniquilamento das pequenas empresas...

Nunca a imprensa, exceptuando uns dois jornais, vida sido desafogada em Portugal. A principal causa disso residia outrora no desrespeito do povo pela leitura. Hoje já esse factor está muito diminuído, tendo passado a plano secundário. Porém, as dificuldades que antigamente se registavam, aumentaram, e aumentaram de tal forma que aqueles jornais de opinião que não têm larga informação ou uma publicação desenvolvida e não contam com receitas extraordinárias, estão ameaçados de morte. O papel que, antes da conflagração, se adquiria ao preço de 9 centavos o quilo, amagando passar a 65 centavos o quilo, amagando passar muito brevemente para 70. Mas nem só o preço do papel aumentou. Todos os que trabalham em jornais: redactores, informadores, tipógrafos, impressores, etc., foram impelidos, pela carestia da vida a, muito legitimamente, reclamarem uma melhoria de situação que, apesar de tudo, ainda os não habilita a fazer face às necessidades mais importantes. Os encargos das empresas aumentaram consideravelmente. Houve um aumento de preço de 1 para 2 centavos, e mais umas ligeiras regalias dos poderes públicos, como isenção de franquia, etc. Isso pouco influíu na vida da imprensa e facto é que um jornal custa hoje, se atendermos à considerável desvalorização da moeda, muito menos que quando se adquiria pelos modestos *dzeshinos*.

As pequenas empresas é que mais duramente sentem o resultado deste estado de coisas. Não vivem, vegetam, e isto enquanto não entram na agonia. As dificuldades aumentam, dia a dia, hora a hora. A não serem adoptadas quaisquer medidas, estamos certos de que os órgãos de opinião desaparecerão por completo, conseguindo manter-se unicamente os jornais devido aos largos recursos com que contam.

UMA ENCANTADORA ADESAO

As meninas dos telefones... em greve

Um sorriso de mulher atenuando as agruras da guerra social - eis uma coisa agradável... para um sindicalista revolucionário...

Todos conhecem ou, pelo menos, têm ouvido falar das meninas dos telefones. São gentis e travessas, e por vezes, levam a sua encantadora impertinência a tal ponto que o impaciente que aguarda uma ligação não se contenta e envia através dos fios algumas palavras de pronúncia mais áspera, resultado dum indignação cuja legitimidade ninguém pode contestar. Não deixam, porém, de ser encantadoras. E, apesar da deformação que o telefone imprime ao mais cristalino timbre de voz, aquelas criaturas de temperamento delicado e com vocação para Romeus, decerto que suportam agradavelmente os longos minutos de espera, cortados pelos estalidos secos do auctulador, só com ouvir, de quando em quando, a voz das meninas recomendando zombeteiramente paciência. Pois as empregadas da Companhia Inglesa dos Telefones estão, actualmente, em greve, assim como o restante pessoal. A despeito da sua gentileza e travessura, não conseguiram escapar às dificuldades que a todos assoberbam, não as tendo respeitado a carestia da vida, de todas as coisas que os homens criaram a mais inestética e despitida de arte. Ganham pouco - a Companhia é sovina, retribui-lhes os serviços com um parco ordenado, que mal chegava para adquirir os modestos vestiditos e as fitas multicores com que mais acentuam o donaire próprio da sua mocidade. Assim, foram impelidas, como simples mortais, para a greve. Isto parece estranho. A greve é uma coisa grande, formidável, um poeta descobre nela, com facilidade, pensamentos altos.

Ao dizermos, porém, que as meninas dos telefones estão em greve, parece que alocamos um sucesso que encerra algode paradoxal. Todavia, o facto é palpável: vozes descem a calçada do Combro, vão até lá abaixo, à Esperança, e lá as encontram na sede do Sindicato Unico dos Metalúrgicos, enchendo com a sua garulice as salas severas e os gabinetes pejados de poeirentos arquivos.

Foi o que nós fizemos. Havia um sorriso na natureza e sentiamos-nos dispostos a preocupar-nos com uma dessas futilidades que amenizam as colunas dos periódicos. Há artigos de jornal que reflectem o estado dum dia. Chuva forte, nuvens pesadas, as ruas cheias de lama e de chapéus de chuva - formam um destes conjuntos tam tristes e monótonos que, nesses dias, a pena desliza facilmente sobre o papel, atenuando as desigualdades sociais e as prepotências dos governantes. Mas quando a atmosfera é dum azul puríssimo, quando o sol enche de luz o casario e alumia com o seu fulgor estranho as ruínas desta cidade cheia de resquícios medievais, sentimo-nos possuídos do desejo forte de afirmar a todo o mundo que *isto* não existe e que descobrimos uma coisa mais alta, muito mais alta e que está acima deste pélagio, onde tudo se afunda num naufrágio desconfortoso. Sucedeu-nos isto ontem. E lá fomos, com o coração em festa, em busca das meninas dos telefones.

Encontramo-las. Os jornais, ao noticiário...

SOUVARINE

MUNIÇÕES PARA "A BATALHA"

Mais duma vez nos referimos à situação difícil em que se encontra a *Batalha*, atingida, como o resto da imprensa, por uma crise se acentua constantemente. Temos apelado para o proletariado certos de que ele não terá olvidado os serviços que este jornal prestados à sua causa. E esse apelo tem sido por muitos ouvido, motivo porque as listas de auxílio da *Batalha* se sucedem nestas colunas, animando-nos a esperança de que os nossos amigos redobrarão de esforços. E é necessário que nos auxiliem fortemente, porque a situação é cada vez mais grave e este jornal não conta com quaisquer outros recursos, além daqueles provenientes da sua larga circulação.

Transporte	2.750\$21
António Vicente Grade, tripulante do Flores	4\$75
João das Neves	1\$00
Baptista	\$50
Maria de Pinho (Gata)	1\$27
Gremio Excursionista Progresso	3\$00
José Pereira Fortes	\$50
Incio Botas	\$30
Vidreiros de Amora	5\$00
Manuel António Almeida	1\$00
Eduardo Nogueira	\$50
	2.768\$03

Um espectáculo em Olhão

Deve-se ter realizado ontem, na importante vila de Olhão, um festival operário, cujo produto líquido revertia a favor da *Batalha*. Os nossos camaradas da organização operária local tem trabalhado para que esse espectáculo revista o maior brilhantismo, não tendo nós ainda publicado o programa porque só tarde nos chegaram às mãos os indispensáveis informes. Do programa consta o seguinte: o drama em 3 actos, «Leonardo, o pescador» e a comédia em 1 acto, «Dispa essa fardas». Abrirá e fechará o espectáculo um coro que, acompanhado pela orquestra, entoará o hino *A Batalha*, fazendo-se representar no palco as direcções de todos os sindicatos, acompanhadas dos respectivos estandartes.

A Falperra de barrete frigio

O Estado pôde a saque pelos exploradores do povo

Da comissão de inquérito parlamentar à caverna do largo da Palmatória, recebemos a seguinte nota oficial: que bem demonstra o que é esta falperra de barrete frigio, onde os aventureiros e os monopólios, depois de terem deixado o povo sem camisa, põem os seus públicos a saque, secundados pela inércia ou criminoso cumplicidade das repartições públicas:

A comissão parlamentar de inquérito ao extinto ministério dos abastecimentos, apurou em face dos exames feitos às respectivas escritas, os seguintes débitos ao Estado, à data de 30 de Setembro de 1919:

Sociedade de Moagem Aliança, Lda, 3.248.819\$13,5; Nova Companhia Nacional de Moagem, 1.843.965\$01,5; Viuva A. J. Gomes & Companhia, 147.654\$92,5; Na politana, 372.891\$39; José António dos Reis, 8.564\$83; a fábrica Esperança deve, ao que já está apurado, 137.000\$00; a N. C. Nacional de Moagem deve mais por fornecimentos feitos em Outubro, 683.504\$26, 692.015\$80, soma 1.375.520\$06.
Total, 7.134.415\$38,5.

Estes números não são definitivos, continuando os exames dos documentos. A comissão tem quasi concluidos os seus trabalhos para apurar as dividas dos Celeros Municipais ao Estado. Nota-se, no entanto, que algumas companhias mostram desejos de liquidar as suas contas com o Estado, contudo nas repartições competentes não deram andamento aos seus pedidos.

O' da guarda! O' da guarda! O' da guarda!

Malas postais

Pelo vapor inglês *Hildebrand* são hoje expedidas malas postais para a Madeira, Pará, Manaus, Ceará e A'frica Oriental, via Funchal, sendo às 13 horas a última tiragem de Caixa Geral.

AS GREVES

Pessoal dos Telefones

Nada de anormal se passou ontem, a não ser a notificação que a Comissão foi fazer à Companhia de que o pessoal tinha votado por unanimidade, o voltar à primitiva reclamação dos 120 e 80 % e manter todas as outras reclamações de caracter moral e material, que já são conhecidas, incluindo o pagamento dos dias em greve, o não exercício de ressalidas sobre o pessoal, e admissão das camaradas que a policia accusa como inculcados no desvio dos motores.

Ontem, reuniram os grevistas às 17 horas, e entre eles reinou o maior entusiasmo, deliberando a assembleia manter-se coerente com as suas reclamações, especialmente as meninas, que estão revoltadas contra a situação deprimente que a Companhia lhes pretende criar, e é de admirar o seu manifesto espírito de solidariedade.

Hoje refino todo o pessoal às 13 horas.

Nota officiosa

A' Companhia cabe única e simplesmente não só a responsabilidade da greve como o seu prolongamento.

E' verdade ter a greve começado em 14 de Janeiro depois de, ao fim de trez meses e meio, a Companhia não ter atendido as reclamações do seu pessoal.

Só depois de rebentar a greve a Companhia ofereceu 25 % de aumento ao seu pessoal.

E' verdade que o pessoal não aceitou os 25 % porque pediu 120 e 80 e assim a Companhia, entendendo fazer o seu jogo, esperava pela constituição do governo para arrancar a sobretaxa, não só correspondente a atender o seu pessoal, como ela entendesse assim como guardar para ela a maior fatia do queijo que a ocasião lhe proporcionava.

Só depois de a Companhia ter verificado que o actual ministro do comércio estava disposto a conceder-lhe a

sobretaxa é que se dispôs a encetar negociações com o seu pessoal e assim, ao tempo que a sós com o delegado do Porto, travava a situação miserável em que aquele pessoal ficou, muito esperimentamente afirmava ao intermediário do ministro que se achava na melhor disposição de se harmonizar com o seu pessoal. Das propostas vantajosas que a Companhia diz ter feito ao seu pessoal, resta a forma de como o pessoal transigiu até ao ponto do ministro se convencer que os grevistas tinham ido até onde podiam e não reituro o argumento que a comissão lhe apresentou, dizendo-lhe que os tais 30 e picos de sobretaxa que o ministro concedia à Companhia, eram o suficiente para atender as reclamações materiais e a Companhia ficar ainda com grossa margem.

Ela porém mostrou-se irredutível em não querer abdicar da parte de leão, jogando a cartada com os grevistas, governo e subscritores e ameaça com o futuro desarrajo do material e avarias que o prolongamento da greve ocasiona para assim atirar as culpas para cima do pessoal. A greve prolonga-se porque a Companhia quer e deseja.

A sobretaxa que o ministro concede chega e sobeja para ela dar os 60 50 % que o seu pessoal pediu na sua última transigência, mas agora já não chega, pois que o pessoal agora voltou à sua primitiva reclamação de 120 e 80 %, vá a Companhia buscá-la onde entender.

O pessoal é que não aceita o que a Companhia lhe quer dar e o que lhe não quer satisfazer. A sobretaxa dá-lhe margem para que ela pague ao pessoal os dias de greve e ela recusa-se a tal.

A Companhia não quer reembolsar as empregadas das quantias que descontava por mês, a título de garantia de segurança e cujo desconto é de 50 centavos.

Enfim, a Companhia, só ela, é que não quer pôr termo à greve porque

prezinhos te esqueças, camarada, de ceder a quantidade correspondente a um dia do teu trabalho para a CASA DOS TRABALHADORES

AS 8 HORAS DE TRABALHO

União dos sindicatos operários

Comissão Pró-8 horas

Na última assembleia de delegados deste organismo, que se realizou para tratar, exclusivamente deste magno assunto, foi nomeada esta comissão, constituída pelos delegados dos caixeiros, alfaiates, barbeiros, manicureiros, etc., e do Arsenal de Marinha, a qual foi incumbida de intensificar um movimento com carácter geral, não só para impedir por todos os meios, que esta regalia não seja retirada, como também para combater severamente as horas suplementares que estão anulando por completo os benefícios que esta conquista nos traz, dando assim uma resposta cabal a lo que resolveu ultimamente pelo patronato.

A comissão na sua primeira reunião resolveu convidar todos os sindicatos, bem como a federação, a promoverem sessões de propaganda, devendo participar para esta União o dia e hora a fim de que sejam nomeados os respectivos delegados.

Encontra-se esta comissão disposta a ir até ao fim a fim de que todos os trabalhadores se compenem na necessidade que tem em defender a conquista do dia máximo das 8 horas de trabalho.

Cumpra aos trabalhadores não permitir que esta conquista operária ganhe como o esforço do proletariado não seja arrancada. Cumpra-nos provar aos nossos verdugos, que não nos amedrontam as suas ameaças, e jamais consentiremos que nos continuem a escarnecer.

Esperamos pois que todos os sindicatos correspondam a este apelo, não só promovendo sessões de propaganda, como também fornecendo-nos elementos para mais facilmente podermos desenvolver a nossa acção.

Na Litografia Portugal. — O procedimento de alguns operários

Em continuação da notícia que ontem publicamos, respeitante ao caso de alguns operários inconscientes da Litografia Portugal tentarem entrar em um passim, prontificando-se a fazer serões desrespeitando a lei em vigor, temos a informar a classe dos litógrafos e o operariado em geral, de que ontem, terminadas as oito horas de trabalho na Litografia Portugal, como os patrões não quizessem respeitar a lei, os operários conscientes, que felizmente ainda os há nessa oficina, fizeram o nobre e activo gesto de não fazer serão, tendo ficado somente na oficina os traidores, que criaram com o seu ignóbil e vil procedimento uma atmosfera desfavorável a aqueles que, com honrabilidade, cumprem acima de tudo o seu dever de operários sindicados, não se prestando a servir mesquinhos interesses a sombra daqueles que honestamente envergam a blusa de ganga.

O bando de traidores é composto pelos miseráveis seguintes: — José da Silva, Eduardo Vasques, Paulino José da Silva, Cesar Ramos, João Moreira, Alberto Costa. Estes são os cabeças; e tentaram coagir alguns camaradas, enganando-os, por isso não damos os nomes destes a estampa, porque temos informações de que já estão arrependidos.

O sindicato dos litógrafos, tendo conhecimento do conflito aberto entre o pessoal dessa oficina, vai tomar as mais rápidas providências, participando das autoridades competentes, a fim de esses causadores do desrespeito à lei serem severamente castigados.

O cumprimento da lei na Imprensa Nacional

O director geral da Imprensa Nacional de Lisboa conferenciou ontem com o ministro do interior acerca da aplicação do decreto do horário de trabalho naquele estabelecimento do Estado e onde por virtude dos trabalhos orçamentais e outros de igual urgência se torna absolutamente indispensável prolongar por algum tempo o serviço.

Ilheconvém, e assim, quando se chega ao ponto de quase arruinar-se a questão, ela vem com novas imposições e agrava a situação pois que ainda ontem se saiu com a notícia de que a empresa das 35 " quando tal escondeu ao ministro quando apresentou a tabela de 50, 45 e 40.

Ela não quer dispensar a parte de leão e o pessoal conservar-se há na defesa da sua justa parte e continuará lutando.

Operários da Construção Civil, Metalúrgicos e Gráficos da Companhia dos Tabacos

Pelas 15 horas, reiniciam ontem, os grevistas da Companhia dos Tabacos para apreciar o andamento da questão há dias suscitada entre os operários e a administração da Companhia dos Tabacos, resolvendo manter-se até satisfação das suas reclamações, que aliás são reconhecidas justas pelo próprio presidente do conselho da administração da Companhia.

Os delegados dos Sindicatos Unidos da Construção Civil e Metalúrgica, expuseram à assembleia mais uma vez a demarche realizada anteriormente com o sr. Eduardo Bruay, salientando em especial, as suas declarações no que respecta às reclamações formuladas pelos operários ora em greve. Afirmaram ainda esses delegados não compreenderem a atitude dubia desse director, que declarou estar a Companhia na melhor disposição de aumentar o seu pessoal. Ora não se compreende que haja essa disposição na Companhia e continue esta intransigente. Quasi ao terminar a sessão, chegou à sala onde estava reunido o pessoal um delegado dos operários metalúrgicos e da Construção Civil em serviço nas fábricas da Companhia no Porto, trazer a notícia da declaração da greve dos mesmos operários em solidariedade com os seus colegas de Lisboa, sendo acolhida com geral entusiasmo a notícia por parte do pessoal reunido em assembleia. A sessão foi encerrada pelas 13 horas saindo o pessoal bem impressionado ao vivo a greve, a Batalha e as organizações de que fazem parte.

além das 8 horas regulamentares. O director da Imprensa comunicou ao chefe do governo o desejo do pessoal operário do referido estabelecimento de que as horas extraordinárias do serviço fossem retiradas o o na indústria particular, ficando o dr. sr. Domingos Pereira de submeter a assunto ao primeiro conselho de ministros que se realizar, que como se sabe, é amanhã à noite.

Vá lá, ao menos para honra da firma, cumpram a lei nos estabelecimentos do Estado.

Manipuladores de pão

A comissão pró 8 horas de trabalho, avistou-se com o chefe do gabinete do ministro do trabalho, para tratar da questão das 8 horas.

Prometeu este sr. de se interessar pelo cumprimento da lei.

Como se cumpre a lei...

Antontem, pelas 17 horas, passava um grupo de operários da construção civil na calçada do Monte, junto a um prédio que está ali em construção e que os dizem ser de um indivíduo chamado Filipe, e repararam que, em contrário das disposições da lei, ainda se trabalhava. Contra o caso ergueram o seu protesto, tendo o encarregado da obra chamado um polícia que, depois de declarar que não queria saber da lei para nada, agrediu os protestantes com o canote.

Os Inscritos Marítimos ante o patronato

Pela Associação de Classe dos Inscritos Marítimos foi ao capitão do porto de Lisboa, enviada a seguinte representação, sobre o cumprimento, nos barcos da marinha mercante, da lei das 8 horas:

Vem esta Associação de Classe dos Inscritos Marítimos Portugueses, de harmonia com o que dispõe o art. 32 do regulamento do decreto n.º 531 sobre o horário de trabalho, junto de V. Ex.ª, para que os mesmos decretos e regulamentos sejam cumpridos no que tem a ver com o pessoal de câmaras que guarnecem os navios mercantes.

O artigo 22 do mesmo regulamento diz que: «As indústrias de navegação marítima e fluvial, de pesca, e outras cuja natureza ou dependência dos casos fortuitos não pode exercer-se senão quando se dão as circunstâncias que determinam a ocupação do operário, e a duração desse período, organizarão o seu serviço por forma que cada operário não empregado não tenha um período de trabalho normal superior a quatro horas em cada semana, e não mais de oito horas em cada semana, e não mais de dez horas em cada semana».

Estão, pois, as indústrias marítimas ao abrigo do decreto e regulamentos das oito horas de trabalho.

Porque, portanto, a divisão que V. Ex.ª pretende fazer entre o pessoal e o pessoal de câmaras para o efeito desse decreto e deste regulamento? A que propósito e com que fundamento a exclusão do mesmo pessoal de câmaras do benefício do período normal de trabalho?

Vejamos qual o pessoal de câmaras:

O pessoal de câmaras é composto de diáconos, cozinheiros, pasteleiros e padeiros e ainda barbeiros, tipógrafos e enfermeiros que se matriculam como cidadãos.

Quere V. Ex.ª considerar estes homens como domésticos; e é isso que está a fazer não pode julgar razoável nem jurídico. Em primeiro lugar, o artigo 22 do regulamento do decreto n.º 531, que trata do pessoal e é princípio o seguinte: «A interpretação e aplicação das disposições legais que, onde a lei não distingue não é lícito distinguir».

Em segundo lugar, o pessoal de câmaras, tendo condições e circunstâncias que bem o diferenciam do pessoal considerado doméstico, tem, ao mesmo tempo, condições que bem o colocam na mesma situação de todo o outro pessoal das indústrias de navegação marítima e fluvial, de pesca, e outras cuja natureza ou dependência dos casos fortuitos não pode exercer-se senão quando se dão as circunstâncias que determinam a ocupação do operário, e a duração desse período, organizarão o seu serviço por forma que cada operário não empregado não tenha um período de trabalho normal superior a quatro horas em cada semana, e não mais de oito horas em cada semana, e não mais de dez horas em cada semana».

E assim os tripulantes de câmaras, como V. Ex.ª muito bem sabe, além de não possuírem condições para serem considerados como domésticos, têm de tirar a cédula marítima matriculando-se como qualquer outro marítimo, estando sujeitos a todos os direitos e obrigações dos códigos e regulamentos marítimos, assim como expostos aos mesmos perigos dos restantes tripulantes.

Por todos estes motivos, razões e fundamentos devem os tripulantes de câmaras no nosso entender, estar abrangidos pelo decreto e pelo regulamento citados, gozando, como os outros, do benefício do período de trabalho normal de oito horas.

Pela mesma Associação, foi à classe dos inscritos marítimos distribuído um manifesto onde desenvolviamos a excepção às razões que, no seu caso particular, assiste para a reivindicação do dia de 8 horas.

Pessoal de limpeza de caldeiras da Companhia Nacional de Navegação e outras

Uma comissão, acompanhada por dois delegados da Federação Marítima, falou ontem com o chefe dos engenheiros da Companhia Nacional de Navegação. Esse senhor não se mostrou resolvido a ceder a tão justo aumento provocado pela enorme carestia da vida.

Os grevistas receberam a adesão dos seguintes empreiteiros: António Augusto e José Nunes.

Operários chapeleiros

Continuam em greve os operários listados da Companhia Lisboense de Chapalaria, pois é a única casa que ainda não atendeu às reclamações do pessoal, que constam do seguinte: fusilistas, 3850; peles e arrastadeiras, 1850; arcadores, 2850. Estas reclamações foram já atendidas pelos industriais António da Costa Leite Militão, Valente, Martinho Gonçalves e Manuel Soares, tendo a comissão de melhoramentos falado com um director, a quem o caso está entregue, que é o sr. Pinto Vieira. Declarou que só o pessoal retomando o trabalho é que estudaria o assunto. Em vista desta resposta, reiniciamos hoje, em assembleia, pelas 13 horas, os operários chapeleiros para tratar deste assunto e do aumento de salário para os operários das secções de palha e feltro.

Os condutores de carroças declaram-se em greve

Na reunião de antontem votaram a greve para fazer cumprir o horário das 8 horas. Foi aprovada uma moção em cujas conclusões se reclama o cumprimento da lei, com a entrada às 8 horas e a saída às 17, com um intervalo de uma hora para refeição. As horas suplementares serão pagas a dobrar. O trabalho aos domingos e feriados será pago a dobrar, aumentando-se o salário dos condutores de galeras em 250,00 e dos de carroças baixas em 250,00 e dos de carroças pequenas em 250,00. Na reunião de ontem ainda se votou

COMUNICAÇÕES

União dos Sindicatos Operários.

A assembleia de delegados, antontem reunida apressadamente, expediu entre, de credenciais dos seguintes sindicatos em que nomeavam os respectivos delegados: dos operários alfaiates, dos operários confeiteiros e pasteleiros, do Arsenal de Marinha e Cordoaria Nacional, dos cortadores, dos encadernadores, litógrafos do sul, impressores tipográficos, cozinheiros, da indústria mobiliária e do Pessoal Extraordinário dos Tabacos, respectivamente Cândido Escalante Fernandes, Manuel Guilherme de Almeida, Joaquim Augusto Pinto, António dos Santos Almeida, Fortunato Gonçalves Prêsa, José Domingos Nunes, José das Dores, Odeário Coelho, José Matos dos Santos, Augusto Lopes, Adelino M. Ferreira, Delim Ferreira, Gladstone Mendonça, Filipe Nery, Júlio Rodrigues, Ricardo de Azevedo e Manuel Pires. Sobre este delegado a assembleia discutiu o caso de sendo este camarada metalúrgico não poderia representar o sindicato dos tabacos dada a nova estrutura sindical, sendo resolvido que a comissão administrativa officie ao mesmo sindicato para que ele proceda à nomeação de outro camarada. Lido um officio do sindicato dos operários alfaiates pedindo delegados a uma sessão de propaganda e defeza do horário de 8 horas de trabalho, que se realizará amanhã, segunda-feira, foi nomeado Carlos de Araújo.

A assembleia seguitamente ocupou-se da crescente carestia da vida e do horário das 8 horas de trabalho, sendo resolvido que sobre o primeiro assunto por ser muito complexo, a assembleia reúna em sessão especial na próxima terça-feira. Sobre o segundo caso, foi eleito um viva e inteligente discussão, sendo por fim nomeada uma comissão que trabalhará para o cumprimento e defeza do horário, a fim de que não seja arrancada uma tam grande reivindicação da classe trabalhadora.

Federação do Livro e do Jornal. — Tomaram antontem posse os novos delegados a este organismo, sendo nomeado o novo secretário, que ficou constituído por: Delim de Sousa Pinheiro, secretário geral, Adolfo Nunes e Delim Silva, secretários adjuntos. Carlos Dias, tesoureiro; Francisco Rodrigues de Sousa; secretário archivista. O novo secretário e Conselho Central reunem amanhã, segunda-feira para tratar de assuntos vários, entre eles as reclamações de aumento de salário a fazer ao patronato, devendo tomar também posse os novos delegados dos Sindicatos e núcleos da provincia.

Operários do Arsenal de Marinha. — Reuniu a classe dos serviços marítimos para tratar de assuntos da classe, para nomeação dum delegado da comissão de melhoramentos, sendo eleito o camarada Manuel dos Santos, a fim de substituir o camarada Joaquim Maria Cardoso.

Protestou energicamente contra a prisão arbitrária do camarada Abel Pereira delegado da comissão de melhoramentos do Arsenal de Marinha, que antontem mesmo foi restituído a liberdade.

Pessoal da Imprensa Nacional. — Com grande concorrência realizou-se antontem a assembleia geral deste sindicato. Antes da ordem dos trabalhos foi apresentada uma moção para que até amanhã, segunda-feira, o trabalho extraordinário comece a ser pago a dobrar segundo o determinado na lei das 8 horas de trabalho e não com 10 centavos de gratificação por hora, como até agora.

Sobre o assunto falaram vários associados, sendo presente uma questão prévia de Manuel Afonso e depois a seguinte moção de Manuel Lopes Canhão, que foi aprovada por unanimidade:

«O pessoal da Imprensa Nacional, considerando de uma elevada importância as declarações apresentadas nesta assembleia pela Direcção da Associação acerca do pagamento a dobrar das horas extraordinárias. Considerando finalmente que para prestição da Associação segue a orientação traçada pelos seus directores, nos quais o pessoal associado tem hoje depositado toda a confiança para promover a defesa dos seus interesses;

O mesmo pessoal, reunido em assembleia geral, resolve:

1. Aguardar até ao dia 19 do corrente a decisão dos tribunais na parte de quem compete, sobre o pagamento a dobrar das horas extraordinárias;

2. Terminado este prazo e que o assunto não tenha solução, assentando-se na atitude de tomar sobre si.

Em seguida passou-se à ordem dos trabalhos, o aumento de salários, sendo apresentada pela comissão um bem elaborado trabalho com aumento de percentagens proporcionais, partindo do princípio de dar mais a quem ganha menos, dentro dos quadros designados na tabela n.º 1. Sobre o aprendizado propôs aumento dentro da classificação da tabela n.º 2.

Apresentou também um trabalho aumentando as percentagens aos reformados onde infelizmente muitos percebem percentagens tam irrisórias que causa arrepios aos mais fortes mencioná-las.

Sobre o trabalho falaram diversos camaradas, tendo alguns procurado apreciá-lo, e sendo por fim aprovado por unanimidade e dado um voto de confiança à comissão para prosseguir com os seus trabalhos.

Porteiros. — A comissão de melhoramentos conferenciou com o ministro do trabalho sobre melhoria de situação e acidentes no trabalho, podendo o ministro do trabalho ao lado da classe dos porteiros de Lisboa, para melhorar a sua situação.

um voto de congratulação pela forma como a classe chegou a proclamação da greve, resolvendo-se que hoje, às 14 horas, se reúna no maior número possível, para se assentar na forma de aceitar a adesão dos proprietários, que desejem aceitar as reclamações respectivas.

Manufactores de calçado

Mantem-se em luta com a máxima energia, não estando os manufactores de calçado dispostos a retomar o trabalho enquanto não sejam atendidas as suas reclamações.

Reiniciamos hoje os grevistas na sede do Sindicato pelas 10 horas.

É convidada a reunir pelas 16 horas, em assembleia magna, a classe dos manufactores de calçado.

Sindicato Unico da Construção Civil.

Este sindicato, recebendo declarações perentórias de alguns cobradores que não querem continuar a ir receber os bonos aos sócios enquanto não lhes fornecerem as cadernetas, isto devido a sócios se negarem a pagar os débitos e reconhecendo o prejuizo que tal resolução traz para o funcionamento do sindicato e para os sindicatos, tendo reiniciado ontem extraordinariamente para tratar do assunto resolveu chamar a uma próxima reunião do conselho federal o mesmo por termo a este estado de cousas que a todos prejudica.

Tirada na obra do Salvador, encontra-se em poder do secretário, este sindicato uma que em auxílio da viúva da camarada morte pela policia por ocasião da última greve podendo a mesma vir recebê-la.

Secção das Cabouqueiros. — Reuniu esta classe para a adesão ao Sindicato Unico da Indústria. Depois de ser largamente discutido por diversos camaradas, foram nomeados os seguintes camaradas:

Conselho técnico, Cipriano Proença e Francisco Marques; comissão escolar, Joaquim Baptista; comissão de melhoramentos, Joaquim Luís; comissão profissional, José Leandro, Manuel dos Santos e António Marinho; conselho administrativo, Fernando Nunes.

Músicos. — Nas eleições que ultimamente se realizaram foi eleito delegado a U. S. O. o presidente da direcção, Alvaro Santos.

Inscritos Marítimos Portugueses. — Na assembleia geral realizada ontem foi resolvido manter a mesma atitude de não se efectuar matricula alguma sem que lhes seja garantida a aplicação do decreto n.º 531, pelo que já foram suspensas as matrículas dos vapores Zaire e Lagos. Também foi eliminado de sócio deste sindicato, Cesar Nunes, por se ter provado que não era fiel com os valores que lhe eram confiados a bordo, pelo que se encontra no Linceiro.

Mais resolveram conservar-se em sessão permanente até resolução do conflito, pelo que todos os componentes deste sindicato se devem reunir na sede da associação todos os dias às 19 horas.

CONVOCAÇÕES

União dos Sindicatos Operários.

Por esta forma ficam convidados os camaradas que foram nomeados para a futura comissão administrativa deste organismo, a comparecer amanhã, no gabinete desta União, pelas 20 horas, a fim de tomarem posse dos cargos para que foram nomeados.

A assembleia de delegados, reunirá na próxima terça-feira em reunião especial, para se ocupar da crescente carestia da vida e resolver qual o caminho a seguir pelo proletariado, em tam grave assunto.

Federação Nacional da Construção Civil. — Reunem hoje em assembleia magna os sindicatos de Lindalva e Pastora, Amadora, Seixal, Barreiro e Montevide, pelas 10 horas, para apreciar e aprovarem a circular do aumento de salário elaborada pelas comissões da federação e do S. U. de Lisboa. Assistem delegados da Federação.

Operários Chapeleiros. — Realiza-se hoje, pelas 13 horas, uma assembleia magna desta classe para tratar do aumento da tabela de salários. Pedese a comparência de todos os camaradas sindicados e não sindicados de todos os ramos de chapalaria.

Alfaiates. — Hoje às 17 horas reúne a comissão de melhoramentos e às 18 horas reúne novamente conjuntamente com a comissão de propaganda. A amanhã, pelas 20 horas, realiza-se na sede deste sindicato, Rua dos Fanqueiros, 300, 2.º, uma sessão de propaganda associativa, estando para este fim convidadas a U. S. O. e a Federação Portuguesa dos Empregados no Comércio.

Espera esta comissão de propaganda, que nenhum operário alfaiate deixe de comparecer a esta sessão, onde serão tratados assuntos que à classe dizem respeito.

Sindicato Unico da Construção Civil. — Comissão de Melhoramentos. — Convidam-se todos os delegados das obras a reunirem hoje na nossa sede pelas 15 horas, a fim de se tratar de um assunto importante e que se prende com o aumento de salário.

Da mesma forma se convidam os camaradas Vítor de Araújo e João Gomes a estarem na sede sindical pelas 15 horas de hoje, sem falta.

Empregados das Escolas Primárias. — É convocada a assembleia geral, a reunir hoje pelas 12 horas, a fim de resolver assuntos de interesse.

Pedese a comparência de todos os sócios.

Federação Corticeira. — Reúne hoje, em Muteia, pelas 12 horas, as seguintes:

Sindicato Unico da Construção Civil.

Secção de Belem. — Para assunto de urgência convidam-se os camaradas José Gonçalves e António Roberto Júnior a repôr com o secretário desta Secção às 14 horas.

Num club de jogo

Um afereis da Guarda tenta suicidar-se

Ontem, pelas 22,30, junto ao club «Petit-Fox», na Praça dos Restauradores, desenrolou-se uma scena de sangue que impressionou todos os que a ela assistiram. Um afereis da guarda republicana, cujo nome ignoramos, maninha de há tempos relações com uma espanhola chamada Assunção Montefo, completista. Como esta lhe deixasse de fazer impotência, o referido afereis, depois de a procurar por varias vezes, encontrou-a ontem no átrio do referido club, metendo um tiro no crânio, após uma breve discussão. O ferido, cujo estado é grave, seguiu para o hospital, acompanhado da completista que, muito chorosa, parecia arrependida por não corresponder à paixão do amoral moço.

Carteira perdida

Inácio de Sousa perdeu ontem a noite, na sede da U. S. O., uma carteira com 250,00, pedindo a quem a achou a finca de a entregar no gabinete do Sindicato Unico da Construção Civil.

EM SETÚBAL

Ainda a grave

questão da pesca

Continuam as prisões—Resoluções

dos marítimos—A nossa chamada à administração do concelho e à capitania do porto

SETUBAL, 6. — C. — Continuam a fazer-se mais prisões dos componentes da classe marítima, ordenadas pelo capitão do porto, no intuito, segundo parece, de apuramento de responsabilidades relativas aos últimos acontecimentos desenhados na Costa da Galiz.

Na quinta-feira fizeram-se, entre outras, as prisões das camaradas Joaquim Silva e João Silva, respectivamente presidente e secretário da Associação dos Trabalhadores do Mar, os quais foram conduzidos para bordo da canhoneira Zambuze. Os mestres dos cércos e outros ainda se encontram a bordo daquela canhoneira.

Ignora-se por enquanto até onde chegarão as prisões, mas por este caminho parece-nos que será presa toda a classe marítima.

Em face destas prisões a classe marítima está na disposição de não ir para o mar enquanto não forem libertados todos os seus, afigurando-se-nos que se tal não se evitar a população da cidade, na qual se encontra compreendida a população operária, muito sofrerá com isso, mas quem mais virá a sofrer serão as classes terrestres anexas à industria de conservas, que faltandolhe a matéria prima para a expansão das suas especialidades, faltar-lhes-á também o pão para si e para os seus.

E isto tudo por causa de um célebre vapor, que no fim de contas não tem trazido para esta laboriosa cidade senão luto e desavenças, a dentro da organização operária local, uma ocasião em que preciso é estreitarmos os laços fraternais para uma necessária preparação de melhores dias e de se fazer surgir com o nosso esforço a Aurora que nos há de libertar das garras da burguesia, consequentemente daqueles que pretendem ser os nossos mais feroces algozes, reduzindo-nos ao nada, depois de terem enriquecido com aquilo que de direito só a nós trabalhadores pertence.

Operários de Setúbal: abatem-se as bandeiras, esqueça-se o passado e afastem-se ódios pessoais a fim de se acabarem com todo este mal-estar, uma vez, e a tempo ainda se cortar o mal pela raiz, enveredando-se pelo caminho que nos está destinado, pois a continuarmos assim nada teremos a lucrar, a não ser que queiramos continuar a dar vitórias a aqueles que nos exploram e que pretendem ser os nossos eternos senhores. Outra tática, pois, e mais unidade de vistas. Já não é sem tempo.

O nosso chamamento à administração do concelho e capitania do porto

Fomos surpreendidos na quinta-feira passada com a ordem de nos apresentarmos na administração do concelho perante o respectivo administrador.

Surpresa causada pelo facto de em nossa consciência não pezar qualquer crime.

Imediatamente nos dirigimos à administração onde, na presença do sr. administrador, lhe fizemos sentir a nossa estupefação, declarando-nos aquela autoridade que se ali nos tinha chamado era unicamente para nos fazer sentir que uma notícia publicada na Batalha, de 5 do corrente, em que se referia ao funeral do desditado Eduardo Rocha e à atitude das autoridades, que não era em parte verdadeira, visto que se a autoridade se apresentava naquela ocasião no local já referido foi para fazer respeitar uma determinação de s. ex.ª, determinação que tinha simplesmente por fim evitar que o funeral se dirigisse por mais longo percurso para evitar o esboço de qualquer conflito que se podesse dar, visto as origens da morte do camarada a que nos vimos referindo e as divergências que há entre as classes operárias interessadas na industria das conservas.

Respondemos que a informação não era nossa mas que se fosse assumirmos a responsabilidade, ficando por isso conforme conosco o sr. administrador, que nos pediu para que fôssemos a capitania do porto, onde o respectivo capitão nos esperava para nos falar também.

Não nos dirigimos.

Por aquela autoridade foi-nos perguntado se nós éramos autores dum assassinato, que iam conter com a sua dignidade, publicadas na Batalha, de 5. Respondemos que senhor exactamente o mesmo que respondemos ao administrador.

Então aquela autoridade, sem mais explicações, principiou por nos ameaçar de certo modo, chegando ao ponto de nos dizer que não admitia a malandragem que se nos imputasse nas suas atribuições. Respondemos com a hombridade que nos caracterizava, que, como ele, nos prezamos de ter dignidade e de assumirmos sempre a responsabilidade dos nossos actos, custasse o que custasse. No decurso da discussão que estabelecemos com aquele senhor, fizemos sentir por mais de uma vez que a Batalha não serve para amesquinhar ninguém sem motivo e que não usando nunca dos processos de muitos jornais, está sempre pronta a rectificar os factos, quando verifique que os informes não são verdadeiros.

E assim ficamos entendidos.

Reclamando a libertação dos presos

Uma comissão de marítimos foi hoje avistar-se com o capitão do porto para que fossem postos em liberdade todos os indivíduos presos, declarando aquela autoridade, segundo nos informaram, que a libertação daqueles camaradas estava dependente da autoridade civil, o que parece ser verdadeiro, pois, como acima digo, aqueles camaradas estão já na cadeia civil.

As informações do Século

Encontram-se neste porto o vapor de salvação Patrão Lopes e o rebocador Bérrio.

Pedem-nos da classe marítima para que nas colunas da Batalha se proteste energeticamente, e com justa razão, contra as informações publicadas no Século, de 6 do corrente, por um seu redactor que a esta cidade veio, infor-

ULTIMAS NOTICIAS

A Rússia bolchevista triunfante

O avanço na Galitzia — Um poderoso exército, bem organizado e disciplinado

VIENA, 6. — Esperam-se com o maior interesse notícias sobre o último avanço do exército bolchevista contra a Galitzia oriental. As tropas ucranianas que defendem a dita provincia somam 60.000 homens, encontrando-se a leste dum linha que vai desde Proskurof a Podolski, por Kamenetz, estando a sua ala norte em contacto com as tropas polacas.

Noticias de diversas origens assegu-

A evacuação da Sibéria pelas tropas tcheco-slovacas

PRAGA, 7. — O sr. Benes, ministro dos negócios estrangeiros, recebeu um telegrama do general Janin, comandante geral das forças tcheco-slovacas na Sibéria, anunciando que todas as tropas foram retiradas da zona de combate, e que a sua concentração para leste, bem como o seu repatriamento está já assegurado.

Os comunistas em Vladivostok

WASHINGTON, 4. — O ministro da guerra de Washington recebeu um comunicado de Vladivostok, informando, segundo a qual os revolucionários entraram em Vladivostok.

A conquista de Nicolaiéff

LONDRES, 4. — Segundo um telegrama procedente de Odessa, os bolchevistas conquistaram o forte de Nicolaiéff, no mar Negro. Calcula-se que as tropas vermelhas chegaram a Odessa há pouco de cinco ou seis dias.

Irkutsk em poder dos bolchevistas

TOKIO, 2. — O congresso socialista revolucionário de Irkutsk entregou os seus poderes aos soviets no dia 21 de Janeiro. O exército anti-comunista, comandado por Palatinski, foi forçado a retirar-se na China para se livrar da perseguição das forças bolchevistas.

NA HUNGRIA

A assembleia nacional forjada pelos reacçãoários, renuncia à restauração monárquica

BUDAPEST, 7. — Os jornais anunciam que o conselho de ministros se ocupou na sexta-feira da nota da Entente declarando não poder tolerar a restauração dos Habsburgos na Hungria. Segundo os boatos que circulam nos meios políticos, a assembleia nacional submeter-se há à imposição dos seus.

O parlamento espanhol discute a questão social

MADRID

ATRAVÉS DA RUSSIA

Os exércitos contra-revolucionários postos em debandada

A imprensa aliada, que durante algum tempo entreteve o público com as notícias dos "Guardas brancos" na Rússia, é agora a própria a confessar a sua derrota, e os sucessos alcançados pelas tropas vermelhas nas quatro frentes em que tem de sustentar combates.

Segundo a *Chicago Tribune*, Kerensky declarou em Londres que o apoio dado pelos aliados aos generais tsaristas, Vodenitch, Koltchak e Denikine contribuiu mais do que tudo para a recrudescência do bolchevismo. Todos os socialistas preferiram alistar-se sob a bandeira de Lênine que sob a bandeira da reacção.

O exército de Denikine era, na maior parte, constituído por um grande número de oficiais do estado-maior pertencentes às classes superiores da sociedade, todos entusiasmados com a ideia de restabelecer o antigo regime, e o seu apoio por toda a parte está disposto a apoiar esta restauração.

Além disso as tropas que compunham os exércitos contra-revolucionários não se batiam com o entusiasmo e a dedicação de quem defende uma ideia sobre e generosa, e os oficiais amigos do prazer, indolentes, dados às bebidas alcoólicas e às mulheres tinham pouco gosto pela vida do "front", por isso, como se tinha previsto, estavam condenados de antemão a uma derrota completa.

A política dos aliados e as concessões feitas na Sibéria aos japoneses também provocaram entre a população da Rússia uma indignação geral, e as insurreições dos camponeses, principalmente no sul da Rússia, prejudicaram muito as operações de Denikine.

Na Sibéria, depois das derrotas infligidas pelos bolchevistas aos guardas brancos, os socialistas revolucionários organizaram um movimento reatando o poder a quem almejavam. No governo constituído em Irkutsk entraram os mencheviques, a "União dos camponeses" e o *Bureau político* dos Zemstvos, e tentavam estes formar em toda a Sibéria uma república independente, estendendo-se desde o Obi até Vladivostok.

Diz-se que a esquadra americana se dirigiu imediatamente das Filipinas para Vladivostok, a fim de evitar que os japoneses auxiliassem o coronel Semenov, sucessor de Koltchak, contra os mencheviques e é natural que assim tenha sucedido, pois que vendo eles que com os tsaristas jamais nada poderiam fazer, certamente queriam agora apoiar-se nos chamados socialistas revolucionários contra os bolchevistas.

Mas seja lá como for estes últimos tem a sua vitória assegurada, — mais cedo ou mais tarde porque a derrota de Koltchak produziu um grande efeito na opinião pública. Mesmo a intervenção dos aliados na Sibéria para o que mais se tem ouvido, entre a população, foi para o desenvolvimento das ideias bolchevistas.

Segundo o jornal *"cadete"* *Golos Rodnõi*, de Vladivostok, o bolchevismo desenvolveu-se na região do Amur simultaneamente com o aparecimento das divisões americanas e japonesas.

Notícia o jornal inglês *Socialist*, que uma camarada regressada da Sibéria conta que o número das divisões bolchevistas no distrito de Irkutsk sobe a 13.000. Dez mil são comandadas pelo capitão Shetkin, e cinco mil por Karamashvili, bolchevista húngaro. Na região de Tomsk, o número de divisões é 12.000.

No distrito de Krasnoyarsk há 5 repúblicas soviéticas declaradas em Dezembro findo: Tassavsky, Komarchak, Taishev, Stepano-Balshevis e Balshinsky do Sul.

A vitória dos Soviéticos não só tem produzido grande impressão entre a população da Sibéria, mas também sobre os povos da Turquistão e da China. Uma propaganda entusiasta em língua chinesa feita pelos bolchevistas inflama as populações fronteiriças deste último país, as quais se tem preparado para impedir a entrada das tropas contra-revolucionárias no seu território.

Discursando perante o importante Congresso dos comunistas muçulmanos reunidos em Moscou, Lênine declarou que a derrota de Koltchak era uma importância histórica para os povos do Oriente.

"Era um inimigo — disse ele — que parecia invencível, mas nós conseguimos derrotá-lo completamente.

Em lugar de nos desanimar, os ataques dos nossos inimigos aumentaram a nossa vontade de vencer.

"A paz de Versalhes foi o golpe mais forte que a *Entente* a si mesmo infligiu, porque as pequenas nações do Oriente que a consideraram como sua protectora viram então que só eram vistas por ela como nações de presa."

E, terminando, acrescentou que as nações futuras do governo dos Soviéticos ou Oriente constituíam o grande problema de amanhã.

"A dificuldade a vencer é a modificação dos métodos comunistas de modo adaptá-los ao carácter do Oriente. Quando o conquistarmos no Oriente é que o Ocidente reconhecerá a vitória dos Soviéticos."

A selvajaria das tropas inglesas

Herberto A. Wilson, que durante algum tempo esteve na Rússia, tem publicado no jornal *Daily Bulletin*, de Montanha, América do Norte, artigos descrevendo a forma selvajaria com que os soldados ingleses se comportaram em algumas partes da Sibéria, quando foram enviados com o pretexto de meterem na ordem.

Todos os prisioneiros bolchevistas são assassinados indistintamente. Algumas vezes chegaram-nos a mandar para os campos de concentração, mas nunca lá foram, porque os soldados pelo caminho não lhes deram a vida. Se acontecesse mostrarem alguma truncheira abandonada, metem-nos dentro e depois de os matarem, tapam-nos com terra, ficando assim a servir de sepultura.

Diz Wilson que a maior parte dos crimes que viveu na Rússia passaram-se nas cidades do Volga e Arkanag, ocupadas pelos aliados, e que ali, quase di-

BRINDE

500 réis a todos os frequentadores que apresentarem este coupon

Sobre os preços expostos no anúncio da última página da

16, Sapataria S. Roque, 17

trabalho organizado (esta claro, acrescentamos nós, desde o momento que este se baseie no livre entendimento, porque doutro modo então mais vale vegetar na mediocridade do isolamento, visto que sequer ao menos vive-se livre).

A fim de desenvolver o sistema de subordinação da agricultura aos interesses da população industrial, grandes tratos de terreno tem sido entregues às fábricas, às empresas, às sociedades operárias e aos órgãos dos governos municipais, para serem trabalhados por eles. Esta organização diminuirá no futuro a dependência da população das cidades, da agricultura aliada.

O número de comunas agrícolas sobe aos milhares; só no governo de Petrogrado há 230 com uma população de 15.313 pessoas, no governo de Orel 391 com 29.000 habitantes, etc.; etc. Muitas delas usam nomes de revolucionários conhecidos tais como Rosa Luxemburgo, Bebel, etc.

Todos os rapazes e raparigas empregados nos estabelecimentos do Comissariado do Trabalho tem garantido dois anos um mês de folga, embora continuando a ganhar. São enviados pelo Estado para as províncias em que há mais abundância de alimentos e que possuem melhor clima.

As escolas

A nova escola da Rússia está intimamente ligada à vida e ao trabalho das massas; não só é acessível, mas obrigatória para todos. Todas as crianças principiam a sua educação nas mesmas condições, e as que acabam o seu curso, acham-se bem preparadas para a vida social, porque além dos conhecimentos puramente científicos ministrados, procura-se sobretudo desenvolver nelas o hábito do trabalho.

Primeiro frequentam os jardins-escolas, cujos estudos tem unicamente por fim pôr a criança em contacto com a natureza e com a sociedade. O professor não faz mais do que conduzir a criança a curiosidade e o raciocínio das coisas. Do jardim-escola passam para a escola do primeiro grau onde, para as crianças de 8 a 13 anos, os estudos estão divididos em 2 ciclos. No primeiro período são entregues aos alunos certos artigos de produção, a fim de que eles estudem a maneira como são fornecidos pela natureza, a sua constituição física e química, etc. Ao mesmo tempo, relacionando os processos de trabalho necessários para a produção desses artigos na indústria moderna, com os processos do passado, o professor faz-se aproveitar, descrevendo para as crianças a história do trabalho. No segundo ciclo os estudos dos mesmos assuntos, mas com maior desenvolvimento e por ordem cronológica. A evolução da cultura em conexão com a mudança das condições do trabalho é estudada pelas crianças, não só pelas narrações dos professores, mas também pelas suas próprias experiências. Durante estes dois ciclos os alunos são instigados a fazerem pesquisas pessoais, escreverem temas, modelarem, fazerem coleções, etc. Terminados estes, principiam então com estudos mais sérios e profundos sobre a história, linguística, biologia, física, química, etc., que são leccionados por especialistas. Todo o estudo destes assuntos é baseado sobre os métodos do trabalho real e produtivo, a fim de que os alunos participem na vida económica do país.

As crianças, ao mesmo tempo que aprendem as matemáticas, a história, a zoologia, a botânica, o desenho, a fotografia, etc., também tomam conhecimento da aplicação destes estudos à cultura das plantas e dos animais, da carpintaria, da serralharia, etc.

A educação artística também não é descuidada, sendo obrigatório o ensino da música e do canto.

O ano escolar é dividido em inverno, meia-estação e verão, sendo neste último todo o trabalho feito ao ar livre. São 4 horas por dia no primeiro grau e 5 no segundo, e que são destinadas ao estudo e o resto do tempo fica à disposição do aluno.

Uma série de cursos pedagógicos tem sido organizada para preparar para as novas escolas o pessoal necessário, que continuamente aumenta.

A escola de "Yasnaya Polyana" foi aproveitada com o consentimento das filhas de Tolstói e do seu amigo Tchertkov, pelos soviéticos, e conta hoje 800 alunos.

Tatiana Tolstói entrevistada pelo "Isvestia" disse: "Vivendo e trabalhando entre estas crianças, estou cumprindo da melhor forma a vontade de meu pai. Se ele fosse vivo, estou convencida que se dedicaria com toda a sua energia a este trabalho."

As crianças é que tem a seu cargo todo o trabalho da escola, é que preparam a sua alimentação exclusivamente vegetariana, e cuidam com todo o carinho de tudo quanto pertence ao bom e sincero Leão Tolstói.

Por ocasião da grande mobilização na Rússia foram dispensados do serviço militar todos os indivíduos que comprovaram que sempre tinham pertencido e que sempre tinham cumprido a sua parte nos preceitos daquelas várias seitas religiosas, que proibem o pegar em armas seja lá contra quem for.

Damos todo o nosso aplauso a este gesto de respeito dado pelos bolchevistas à consciência humana, embora acrescentando que somos de opinião que esse direito devia ter sido reconhecido a todos, pois que repelimos toda e qualquer imposição exercida pela sociedade sobre o indivíduo, ainda que seja mesmo em nome da felicidade dele.

Certamente que dirão que, procedendo assim a revolução ter-se-ia perdido, mas não o acreditamos, porque realmente ela trouxe melhoria de condições para as classes exploradas, e, está claro, correriam prontamente em busca das armas, se os sentimentos egoístas — a defesa da arma na mão, contra aqueles que se mostrassem dispostos a fazê-las regressar à miséria do passado.

Os litógrafos do Porto

Se todas as classes soubessem cumprir os seus deveres perante a organização operária como os litógrafos do Norte, não seria preciso mais às classes trabalhadoras, quando estivessem possuídas de inteira justiça, do que dizerem: "queremos que nos atendam e nos garantam, já, mais alguma coisa nos nossos direitos incontestáveis."

E como querer é poder, e não pode haver deveres sem direitos, as classes laborais, impulsionadas por um forte e indelével espírito moral e bem unidas por uma homogênea energia colectiva, conseguiram, sempre que se lhes oferecesse oportunidade, mais um pouco daquilo a que tem justos.

E' o caso de que, quando da greve geral levada a efeito pela U. S. O. do Porto, foram os litógrafos os primeiros a vir para a rua, apesar de ainda há poucas semanas terem efectuado com êxito, um movimento para aumento de salário. Pois, quando sublevaram da data do início da greve geral, não se poderiam conter, e um dia antes já os litógrafos abandonavam as oficinas, dando assim um nobre exemplo de solidariedade perante o movimento operário em geral.

Da opressão nasce sempre espontânea e vigorosa a reacção reivindicadora; e os litógrafos do Porto, apesar de serem, sem distinção de partidos e de ideais, uma classe muito solidária e unida, tem um patronato do mais despótico e tirânico, em cujas oficinas mal se pode respirar, ou levantar os olhos para a luz. Os patrões e acólitos exercem uma rigorosa e atroz vigilância sobre o pessoal, que faz revoltar os ânimos mais pacíficos e moderados; ali ninguém se pode mexer que não seja logo seguido de perto ou de longe nos seus movimentos; é proibido falar, sorrir, olhar para o lado, e até tem sido proibido... fumar: e mais ainda... ir ao W. C.

Isto dá-se, isto é um facto; principalmente a "Litografia Nacional", dos srs. Soisinhos, mais conhecidos pelos "régulos de Malmerendas", onde a tirania e o despotismo industrial tem atingido o cúmulo da desfaçatez.

Pois são estes mesmos senhores os provocadores de todas as questões que se tem dado nesta classe; pretendendo, ultimamente, combinados com outros de igual jaez e acolitados por paties de toda a espécie, declarar o *lock-out* litográfico; mas, não o conseguiram, graças à boa tática da classe operária, que imediatamente frustrou o plano traçado, conseguindo obter que alguns industriais mais benévols e humanitários lhes concedessem o aumento de 50 % sobre os seus insuficientes salários para fazer face à carestia da vida.

Eis aqui porque ainda se encontra em luta a maioria da classe litográfica no sentido de obter o aumento reclamado; e ela não transigirá, não recuará no seu passo na sua marcha para o futuro; todos os litógrafos estão, como sempre, possuídos da maior energia moral, influenciados pelo maior entusiasmo e firmemente unidos, pelos laços da solidariedade mais indelével, que, como uma rocha enorme e duríssima, resistirão inabalavelmente às fúrias do industrialismo, mancomunado com os assabreadores e os novos ricos para esmagarem e reduzirem à miséria o povo trabalhador.

Os litógrafos que trabalham, contribuem com metade da sua fériá para auxiliar os seus colegas grevistas, a quem a Associação dos Litógrafos, já hoje conhecida como um baluarte histórico e inextinguível nestas lutas, subsidia solidamente como uma mãe a seus filhos; e, tomando por lema: "de cada um segundo as suas posses e a cada um conforme as suas necessidades", é a Associação gloriosa, — vai sustentando heroicamente a luta contra os algozes da classe que representa.

As casas que funcionam com aumento são as seguintes: Intermediária, Incitadora, Empresa Caldevia, e Foto-lit, de Cristiano de Carvalho, cujos industriais se recusaram a hostilizar-nos, sendo o sr. Cristiano — já pelos seus princípios sociais e filosóficos, já pelos seus bons sentimentos como homem de honra e do mais digno carácter — um patrio modelo pelo seu espírito moderno e superior mesmo aos homens mais sociais da sua época.

As litografias que não funcionam são as seguintes: Comercial, Aurora, Lusitana, Nacional, Minerva, Moderna e Universal, cujo pessoal está há três semanas em luta contra o ódio patronal, e que sustentará o combate com a maior serenidade e boa ordem, mas sem desfalecimentos nem desânimo, por tanto tempo quanto for necessário para alcançar um triunfo certo, não entrando para as oficinas sem o aumento reclamado e sem lhe ser pago os dias perdidos com o movimento. Alguns operários já conseguiram colocação em outras empresas e outros em empregos públicos e particulares, subtraindo-se assim a ser escravos modernos de tam cruéis senhores. — *Asragne*.

Grupo Dramático e Musical Solidária da Construção Civil

Carolina Ferreira e mãe agradece, à direcção daquele grupo os pesames enviados pelo falecimento da sua irmã e filha Augusta Ferreira.

Sobretudo perdido

Veiu a esta redacção o camarada Alfredo Cruz, participante-nos que durante o seu julgamento, na Boa Hora, alguém lhe levou o sobretudo de cima de um banco onde o deixara o camarada Amílcar, que estava tomado de conta dele e que foi obrigado a abandonar o motivo de ter de ir servir de testemunha de defesa daquele nosso camarada.

Pede-se a quem o tenha em seu poder a fúria de ir entregá-lo nesta redacção ou ao Cateio Branco Saralva, 84, r/c.

Um civico um pouco incluído...

Foi castigado com 30 dias de suspensão o guarda 1318, Domingos Boavista, por se ter provado que capturou ilegalmente dois indivíduos da classe civil e tentou agredir um deles na esquadra, não obedecendo ao seu respectivo chefe.

Um "trauliteiro"

Seguiu ontem para o Porto Cândido d'Almeida, antigo maceirinho da guarda real do Porto, acusado de ser um dos chefes trauliteiros.

A herança do padre Henriques

Extremamente tímido e acanhado com um súbito rubor na face a propósito de tudo, o padre Henriques tinha uma única preocupação: passar despercebido, esquivar-se surratamente por entre os homens e as coisas, sempre de olhos baixos e mal osando levar a mão ao chapéu para cumprimentar. E no entanto gostava de andar bem vestido, barbeado e perfumado.

As suas predilecções literárias, eram dois diários, um de Braga e o outro do Porto, lidos de fio a pavio, os romances de Pérez Escrich, devorados com olhos lacrimejantes, e o seu próprio caderno, em que registava pensamentos profundos como este: "O homem que pratica o mal é um malvado".

Nunca conheceu o pai. Sua mãe dizia-se viúva dum oficial, cujo retrato arrogante figurava na sala de visitas. O padre Henriques lembrava-se de ter vivido sempre em colégios e seminários, raramente visitado pela mãe, até ao dia em que, munido de todas as ordens sacras, vieram dizer missa para aquele recanto montanhoso, onde se instalara também a autora dos seus dias, retirada dos negócios.

A viúva deixara com efeito, na capital, um estabelecimento, com o qual acumulava fortes cabedais e de cujos proventos continuava a viver largamente.

Jamais o padre se atrevera a interrogar a mãe sobre os seus negócios, nem ela lhe dava a mais ligeira satisfação. Quando ela, de longe a longe, fazia a capital uma viagem de inspecção, sem aviso prévio, todos os modos e palavras eram de molde a indicar que o filho receberia o mais rápido indeferimento, se ousasse meter o requerimento para a companhia.

Afinal, o padre Henriques não se recava. Pelo contrário: a capital, herança, zombeteira e ruidosa, infundia um imenso pavor a sua pobre alma assustadíssima bisonha.

Mas um dia a mãe morreu. Morreu de repente, fulminada. Não teve tempo de proferir uma palavra, de deixar ao filho uma explicação. E o padre Henriques, rebucando na papada, não encontrou mais do que um seco título de propriedade, além de algumas notas secas, muito secas.

Pôs-se então a caminho, montado num cavaleiro, atravessou regiões agrestes, transpôs as rudes serranias do Marão. Em Amarante (não havia ainda a linha do Vale do Tâmega), subiu para a diligência de Vila Mãe, em frente do café da Antónia. Depois, comboio do Douro, comboio-correio de Lisboa — e uma bela manhã, o padre Henriques desembarcou no Rossio, moído, atarrantado, atordado, entre os correctores dos hotéis, que lhe azoimam os ouvidos e o jogam como uma peça.

O padre Henriques, naquele momento, considerava-se a criatura mais desgraçada, o órfão mais abandonado deste vale de lágrimas. Com o olhar ansoado, não sem imenso desamparo, procura uma cara amiga e compadecida, um sorriso simpático, nessa vaga brutal de animais de caça. E é a um rapazote moreno, cigarro ao canto da boca, boné à banda, que ele se dirige por fim, suplicante, quasi choroso, num murmúrio indistinto.

Ao ouvir a rua e o número, o rapazote expande a fisionomia bregueira num largo riso malicioso e põe-se a piscar o olho:

— Ora vamos lá, seu moicano! Sobem as escadas do Duque, atravessam o largo de S. Roque, enfiam por uma rua estreita, batem a uma porta. Vem abrir uma gorda matrona, de manchas pela cara e um cabelo horrivelmente ruivo.

— Sou o senhorio... gagueja o padre.

A matrona alvoroçou-se toda, desatou a berrar para dentro:

— Meninas! Meninas! é o filho da patroa! é o filho da patroa!

Como um furacão, chilreantes e alegres, umas quinze raparigas, de bata, muito pintadas, despenham-se pela escada abaixo. O padre Henriques, o novo patrio, é largamente abraçado e beijado; e as joias raparigas levam-nos em charola, mudo, apalermado, petrificado, inconsciente!

Sousa TAMEGA.

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital realizado, Estudos: 24:000\$000,00
Fundo de Reserva, Estudos: 24:000\$000,00

São prevenidos os Senhores Acionistas e Subscritores da Emissão de 1920 que podem vir receber as suas acções à sede do Banco nos seguintes dias e pela ordem alfabética do último apelido:

Nos dias 9 e 10 do corrente, das 11 às 16 h. letras A a F
" 11 e 12 " " " " 11 às 16 h. " G a P
" 13 e 14 " " " " 11 às 16 h. " Q a Z

Os títulos serão entregues em troca dos respectivos recibos das 1.ª, 2.ª e 3.ª prestações devidamente endossados.

Lisboa, 5 de Fevereiro de 1920.

O GOVERNADOR, (a) J. H. Ulrich.

A BATALHA
NA PROVINCIA
NOS ARREDORES

MONTE ESTORIL, 3
Os honrados comerciantes

Foi finalmente resolvido o pleito entre a Associação Comercial e o Câmara sobre o manifesto dos vinhos e bebidas alcoólicas. Ganhou a Câmara, como não podia deixar de ser, pois que os comerciantes, que se queixavam de serem prejudicados pelo aumento do vinho e seus derivados, e que não queriam a vida forçada que os fiscais lhe entrassem em casa para verificarem os géneros sonegados, resolveram abster banderías.

Os comerciantes haviam oferecido à Câmara mais 30 %, sobre as avarias não alteradas o preço dos géneros.

Ficam a ideia de que ganham honradamente estes amigos do povo. Foi então que a Câmara, compreendendo que tem o dever de zelar pelo dinheiro do público tinha de lançar o manifesto, visto que havia comerciantes que vendiam 10 e pagavam 5 e outros que vendiam 5 e pagavam 10.

Além de que os honrados amigos do povo, que não lhe tem levado já a pele, porque não tem podido, ameaçaram imediatamente entrar o vinho de 30 % e os outros tavos cada litro e as outras bebidas de 1910 para 2 escudos!

No entanto o manifesto vigora e o preço não subiu, porque há os quatro comerciantes menos gananciosos, o que é raro nos tempos d'agora, continuando vendendo os géneros pelo mesmo preço, mostrando assim a força dos quasi restantes 300 colegas.

Assim se vai mais uma vez reconhecendo a bondade e a dedicação que tem pelo público a Câmara Municipal.

Que santíssimas criaturas! — C.

VILA FRANCA DE XIRA.
A carestia da vida

E' aterrorizante a forma como tem subido o preço de todos os géneros de primeira necessidade. A vilanagem não se farta de sugar até a última gota o sangue do povo, deste povo que dorme a sono sóbrio não se preocupando com a miséria que lhe assola o lar. Até quando suportará o pesado jugo da maldita parasitagem? — C.

COIMBRA, 6

Ante a roualharia comercial a classe operária agita-se reclamando aumento de salário — Manipuladores de massas e beliches — Unões dos Sindicatos Operários — Outras notícias

Perante a constante subida dos géneros mais indispensáveis à vida, os preços atingem nesta cidade o cúmulo da exorbitância, sendo raro o dia em que os géneros não subam de preço, nota-se uma certa efervescência nas classes operárias, tendente à reclamação de aumento de salário, na ilusão esperança de, assim equilibrar a desgraçada situação económica causada pela ganância desmedida dum comércio ladraivos que, sem o mínimo vislumbre de consciência, criou um período de infame exploração para a classe trabalhadora. Esta atitude estamos certos provocará um gesto de revolta da parte do povo consumidor que em face da fome que o ameaça, não hesitará em ver forçado a fazer justiça por suas mãos.

No entanto, como acima dissemos, algumas classes preparam-se para exigir um aumento de salário, não só em harmonia com a carestia, pois o que, no geral, atualmente auferem, não chega sequer para acudir às mais rudimentares necessidades pessoais, mas também para informar os nossos leitores que os salários actuais oscilam com poucas excepções, entre 1600 e 1620 diários, não falando, ainda, nos camaradas cerâmicos e coqueiros, cujos salários (suprema irritação) regulam em 680 diários!

Neste sentido, os camaradas da Indústria Mobiliária, vão apresentar ao patronato a reclamação de 40 % sobre os salários que percebem, ficando a ganhar, depois, uma média de 2400 o que fica muito aquém de fazer face a crise, sendo portanto, de toda a justiça que os nossos camaradas obtenham o que reclamam.

Em face das reclamações dos seus operários, o patronato da Indústria Móvel, organizou um bloco com o fim de se opor às reclamações expostas, mas, atendendo ao espírito revolucionário que hoje esta classe é a boa solidariedade de existir no seu seio, e de esperar que o bloco patronal se desfaça como bolas de sabão, renuncia-se a evidência da razão que anima os operários da Indústria Móvel.

— Uma outra classe, a dos coqueiros, também se vai reclamar aumento de salário, pois, como disse, estes camaradas auferem apenas 1600 diários, trabalhando por cerca de 24 horas seguidas e tendo, além disso, de dar o material para limpezas!

Como vêem, estas camaradas tem uma boa razão de se revoltarem, sendo de justiça que as suas reclamações sejam resolvidas, atendendo ainda que se limitam a reclamar dos seus senhores, um salário de 1600 diários.

A classe tem reunido com larga concórdia na sede da U. S. O., mostrando-se disposta a fazer prevalecer as suas reclamações.

— Os camaradas da Traction Eléctrica, acabam de apresentar ao Município a reclamação de 80 %, estando dispostos a fazê-lo cumprir, pois recebem salários irrisórios.

— Sob a presidência do camarada José Soares Junior, secretário dos camareiros, António Duarte e Miguel Diniz, reuniu em assembleia geral, a classe dos manipuladores de massas e beliches. Nomearam a nova direcção, aprovando o relatório de contas apresentado pela direcção transacta.

Foi, em seguida, discutida a adesão deste sindicato à C. G. T., usando da palavra vários camaradas. Falou, também, nesta reunião o camarada Pedro da Assunção, delegado da U. S. O., que expôs com toda a clareza a estrutura e qual os fins a atingir pela C. G. T., tendo alguns períodos dos estatutos confidenciais, demonstrando a necessidade de todos os sindicatos iguais se organizarem, formando, assim, cada vez mais forte o baluarte onde devem ingressar todos os trabalhadores conscientes. Terminou por apelar a todos os camaradas para se organizarem no seu sindicato profissional.

Por fim resolveu aderir à C. G. T. e nomear delegados à U. S. O. os camaradas António Marques e José Brás.

Em assembleia federal reuniu a União dos Sindicatos Operários que tratou de vários assuntos de interesse para a Organização Operária, resolvendo também, dar um saraú num dos principais teatros desta cidade para se destinarem a melhoramentos a fazer no seu seio.

Na próxima, terça-feira reúne em assembleia magna o Sindicato Unico dos operários da Construção Civil.

Também reuniu em assembleia geral os operários da Indústria Têxtil para discutir e aprovar os seus estatutos.

Nomeou delegados à U. S. O., os camaradas Teodoro Fojas e Saul Campeão, — C.

Godinho & Falcão Limitada

Compra e vende pelas melhores cotações:

Libras, Francos, Dolares, Ouro e Notas. Todas as outras moedas nacionais e estrangeiras, Coupons e Papeis de Crédito, mesmo sem cotação na bolsa.

Rua do Ouro, 61
Telef. 1493-C

DAMIÃO & C.

Especialidades em fatos, vestidos e chapéus para crianças.

57, Rua Garrett, 59
LISBOA
711 TELEPHONE 2940

J. J. CONTENTE

33-Rua do Comércio-33

CAMBIO, PAPEIS DE CRÉDITO, coupons e moedas nacionais e estrangeiras, etc.

Acidente de trabalho Seguro obrigatório

O *Diário do Governo* de 22 de Novembro de 1919 publica o modelo da caderneta profissional, que todos os patrões são obrigados a fornecer a todo o seu pessoal, em conformidade com a nova lei de 10 de Maio de 1919.

A MUNDIAL, a fim de facilitar aos seus segurados o cumprimento da nova lei, fornece gratuitamente as referidas cadernetas.

Pedidos das cadernetas bem como dos exemplares a nova lei de 10 de Maio de 1919.

A MUNDIAL COMPANHIA DE SEGUROS

CAPITAL, 500.000\$000
RESERVAS: 405:402\$76,7

Sede em Lisboa — Rua Garrett, 95
Telefone 4084
Delegação no Porto — Rua Sá da Bandeira, 331, 1.ª

Africa Oriental e Ocidental Vapor AFRICA

Sairá em 15 do corrente para o Funchal, S. Tomé, Loanda, Lobito, Mossamedes, Cablo, Lourenço Marques, Beira e Mocimboque; e para Inhambane, B. Dias, Chinde, Quelimane, Angola, Porto Amélia, Ilhéu e Tunge, com trasbordro.

Vapor MOSSAMEDES

Sairá em 22 do corrente para S. Vicente, Praia, Príncipe, S. Tomé, Cabinda, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Mossamedes, Bala dos Tigres e Porto Alexandre.

Vapor ZAIRE

Avisam-se os Srs. interessados de que a sua saída foi transferida para o dia 9 do corrente, às 12 horas.

Para carga, passageiros e quaisquer esclarecimentos, dirigir-se aos escritórios da

Companhia Nacional de Navegação

EM LISBOA — Rua do Comércio, 35.
NO PORTO — Rua da Nova Almeida, 34.

GRANDES ARMAZENS AFRICANOS

ALFATATARIA E CAMISARIA

FARO & LOPES L. DA

Lanifícios, Fato feito, Camisaria, Bezaularia, etc.

Pegam amostras. Fatos sem prova. Vende-se a metro e sem reserva de preço todas as fazendas tanto para homem como para senhora.

VISITEM ESTA CASA

A casa que mais barato vende

Fato reclame artigo chic 35\$00

110, R. dos Fanqueiros, 112 e 114 s-l.

"Garantia"

Companhia de Seguros Marítimos e Terrestres

FUNDADA EM 1853

SÉDE NO PORTO: RUA FERREIRA BORGES (Edifício próprio)

Capital 1.000 CONTOS

(Um milhão de escudos)

Sinistros pagos até 31 de Dezembro de 1918: 6.579.529\$26,6

Dividendo distribuído, idem, idem: 1.394.000\$00

Efectua seguros contra riscos de fogo, industriais, lucros cessantes, aluguéis de prédios, greves e tumultos (só em prédios e mobílias), agrícolas, automóveis, riscos marítimos e riscos de guerra.

Agentes em Lisboa

José Henriques Totta & C.^a

BANQUEIROS

69 a 79, Rua Aurea, 69 a 79

Telefone 533 e 1589 Central

Motores marítimos "Wolverine"

Desde 5 a 200 H. P. muito simples e de fácil manejo. Antes de adquirir outra marca consulte os representantes

da marca

"Wolverine"

MANUEL MARQUES

JUNIOR

R. 24 de Julho, 8

LISBOA

DÉCOPPET

& C.^a Ltd.R. Sá da Bandeira, 62, 2.^a

PORTO

Nunes & Nunes, Limitada

CASA BANCARIA

RUA AUREA, 97 - LISBOA 741

Telefone C. 2108 - 2355

End. Teleg. - Dolnunes

Câmbios, papéis de crédito nacional e estrangeiro, coupons, notas e moedas estrangeiras, descontos e transferências, depósitos a ordem e a prazo.

OURO

COMPRA-SE e paga-se bem, prata e platina qualquer quantidade.

RELOJOARIA E OURIVESARIA

do CAIS DO SODRÉ

Rua do Corpo Santo, 54

907



GRANDES ARMAZENS DE LISBOA

Lanifícios e Alfaiataria

Aosham de receber um grande sortido de lanifícios para a próxima estação, vindos directamente das fábricas, e que vendemos a preços resumidos.

Há sempre fatos já feitos em todas as medidas, tanto para homens como para senhoras e crianças.

PEÇAM AMOSTRAS PARA CONFRONTO

306, Rua dos Fanqueiros, 310

Lisboa

CALÇADO

Ninguém compre!!!

Sem primeiro verem os preços da SAPATARIA SOCIAL OPERARIA Botas para homem a 8950 - Sapatos bonitos a 7520 - Botas para rapaz a 2870 Sapatos verniz, salto Luis XV, a 12950

temos em existência 100 mil pares de calçado que vendemos por preços extraordinariamente baratíssimos.

E a casa que mais barato vende

18 - Rua dos Cavaleiros - 20



O BRIC-À-BRAC
ALCANTARA
DE
José Nicolau Veríssimo
RUA DE ALCANTARA, 37
SUCCURSAL - RUA DO LIVRAMENTO, 111 e 113

Compra, vende e troca móveis novos e usados e toda a qualidade de artigos de mobília completos de quarto, casa de jantar, escritório e sala. 50% de desconto aos assinantes da BATALHA.

Banco Popular Português

Sociedade Anónima de responsabilidade limitada com sede no Porto

O Banco Popular Português, com sede no Porto, tendo tomado de trespassar a casa bancária Henriques Sousa & C.^a, para sua filial, participa a todos os seus clientes que tomou a seu cargo todo o activo e passivo da referida casa. O Presidente da Direcção, Sebastião dos Santos Pereira de Vasconcelos.

CALÇADO

Ninguém vende mais barato

Para homem, senhora e crianças. Não se paga luxo e vai-se bem servido. CASA PROGRESSO, Rua D. Pedro V, 59 a 63, esquina da R. da Rosa.

Envia-se catálogo grátis

Pneus "MICHELIN"

De todas as dimensões, grande stock em armazém, aos melhores preços do mercado.

Manuel Cartaxo & C.^a

Limitada

R. da Madalena, 36, 3.^o

45

Casa Bancária Henriques Sousa & C.^a

Participa a todos os seus clientes que trespassou todo o seu activo e passivo ao Banco Popular Português do Porto.

OVOS

frescos e garantidos a \$96 cada dúzia, cento 18\$00. Vende a casa dos ovos, Rua dos Cavaleiros, 6.

CAUTELAS

DO

MONTE-PIO GERAL

OURO, prata, platina e pedras preciosas, compra-se cobrindo todas as ofertas, transacções rápidas.

Rua Assunção, 57, 3.^o, E. Ourives

69

69

69

69

69

69

69

69

69

69

69

69

69

69

69

69

69

69

69

69

69

69

69

69

69

69

69

69

69

69

69

69

69

69

69

69

69

69

69

69

69

AS VALENTES E PERAS PARA A RAPAZIADA

Disputam-se à pancada

Botas brancas a 9\$750 e 10\$250

Botas pretas 2 solas a 13\$750

O nosso sortido impõe-se. Venham ver! Venham ver!

Botas para homem liquidam-se a 11\$000, 12\$000, 13\$000, 14\$000.

Sapatos de pelica para senhora a 7\$500, 8\$000, 10\$000, 11\$000.

Sapatos em pelica verniz para senhora, salto a Luis XV, a 11\$500, 12\$500, 13\$500.

Fornecedores dos empregados dos Caminhos de Ferro Portugueses e do Sul e Sueste e da Cooperativa dos Empregados do "Diário de Notícias". 701

SAPATARIA S. ROQUE

18 - Largo de S. Roque - 17

SAPATARIA S. ROQUE

18 - Largo de S. Roque - 17

SAPATARIA S. ROQUE

18 - Largo de S. Roque - 17

SAPATARIA S. ROQUE

18 - Largo de S. Roque - 17

SAPATARIA S. ROQUE

18 - Largo de S. Roque - 17

SAPATARIA S. ROQUE

18 - Largo de S. Roque - 17

SAPATARIA S. ROQUE

18 - Largo de S. Roque - 17

SAPATARIA S. ROQUE

18 - Largo de S. Roque - 17

SAPATARIA S. ROQUE

18 - Largo de S. Roque - 17

SAPATARIA S. ROQUE

18 - Largo de S. Roque - 17

SAPATARIA S. ROQUE

18 - Largo de S. Roque - 17

SAPATARIA S. ROQUE

18 - Largo de S. Roque - 17

SAPATARIA S. ROQUE

18 - Largo de S. Roque - 17

SAPATARIA S. ROQUE

18 - Largo de S. Roque - 17

SAPATARIA S. ROQUE

18 - Largo de S. Roque - 17

SAPATARIA S. ROQUE

18 - Largo de S. Roque - 17

SAPATARIA S. ROQUE

18 - Largo de S. Roque - 17

SAPATARIA S. ROQUE

18 - Largo de S. Roque - 17

SAPATARIA S. ROQUE

18 - Largo de S. Roque - 17

SAPATARIA S. ROQUE

18 - Largo de S. Roque - 17

SAPATARIA S. ROQUE

18 - Largo de S. Roque - 17

SAPATARIA S. ROQUE

18 - Largo de S. Roque - 17

SAPATARIA S. ROQUE

18 - Largo de S. Roque - 17

SAPATARIA S. ROQUE

18 - Largo de S. Roque - 17

SAPATARIA S. ROQUE

18 - Largo de S. Roque - 17

SAPATARIA S. ROQUE

18 - Largo de S. Roque - 17

SAPATARIA S. ROQUE

18 - Largo de S. Roque - 17

SAPATARIA S. ROQUE

18 - Largo de S. Roque - 17

SAPATARIA S. ROQUE

18 - Largo de S. Roque - 17

SAPATARIA S. ROQUE

18 - Largo de S. Roque - 17

SAPATARIA S. ROQUE

18 - Largo de S. Roque - 17

SAPATARIA S. ROQUE

18 - Largo de S. Roque - 17

SAPATARIA S. ROQUE

18 - Largo de S. Roque - 17

SAPATARIA S. ROQUE

18 - Largo de S. Roque - 17

SAPATARIA S. ROQUE

18 - Largo de S. Roque - 17

SAPATARIA S. ROQUE

18 - Largo de S. Roque - 17

SAPATARIA S. ROQUE

18 - Largo de S. Roque - 17

SAPATARIA S. ROQUE

18 - Largo de S. Roque - 17

SAPATARIA S. ROQUE

18 - Largo de S. Roque - 17

SAPATARIA S. ROQUE

18 - Largo de S. Roque - 17

SAPATARIA S. ROQUE

18 - Largo de S. Roque - 17

SAPATARIA S. ROQUE

18 - Largo de S. Roque - 17

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapeleiros

Grande sortimento em chapéus, lisos e mechas em cores lindíssimas, formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapeu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa A SOCIAL

Armazém e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.^a

ESTABELECIMENTOS

Séde: - 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.^a Sucursal: - Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A2.^a Sucursal: - Rua do Corpo Santo, 293.^a Sucursal: - Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56, 58

Fábrica de bonets

Chapeu modelo Jaurés (Exclusivo)

FABRICA toda a qualidade de papéis de em- brulho, sacos, cartuchinhos, manteigueiro, costaneiras, almagos, coqueles, escrita, impress- são, assentados, capas e carta, bem como papéis de fabricação especial

Lisos e pautados

Agente e depositário geral

A. B. dos REIS

52, Cais do Sodré, Lisboa - Telefone C. 4.317

10, Rua da Nova Alfandega, Porto - Tel. 2.192

10, Rua da Nova Alfandega, Porto - Tel. 2.192

10, Rua da Nova Alfandega, Porto - Tel. 2.192

10, Rua da Nova Alfandega, Porto - Tel. 2.192

10, Rua da Nova Alfandega, Porto - Tel. 2.192

10, Rua da Nova Alfandega, Porto - Tel. 2.192

10, Rua da Nova Alfandega, Porto - Tel. 2.192

10, Rua da Nova Alfandega, Porto - Tel. 2.192

10, Rua da Nova Alfandega, Porto - Tel. 2.192

10, Rua da Nova Alfandega, Porto - Tel. 2.192

10, Rua da Nova Alfandega, Porto - Tel. 2.192

10, Rua da Nova Alfandega, Porto - Tel. 2.192

10, Rua da Nova Alfandega, Porto - Tel. 2.192

10, Rua da Nova Alfandega, Porto - Tel. 2.192

10, Rua da Nova Alfandega, Porto - Tel. 2.192

10, Rua da Nova Alfandega, Porto - Tel. 2.192

10, Rua da Nova Alfandega, Porto - Tel. 2.192

10, Rua da Nova Alfandega, Porto - Tel. 2.192

10, Rua da Nova Alfandega, Porto - Tel. 2.192

10, Rua da Nova Alfandega, Porto - Tel. 2.192

10, Rua da Nova Alfandega, Porto - Tel. 2.192

10, Rua da Nova Alfandega, Porto - Tel. 2.192

10, Rua da Nova Alfandega, Porto - Tel. 2.192

10, Rua da Nova Alfandega, Porto - Tel. 2.192

10, Rua da Nova Alfandega, Porto - Tel. 2.192

10, Rua da Nova Alfandega, Porto - Tel. 2.192

10, Rua da Nova Alfandega, Porto - Tel. 2.192

10, Rua da Nova Alfandega, Porto - Tel. 2.192

10, Rua da Nova Alfandega, Porto - Tel. 2.192

10, Rua da Nova Alfandega, Porto - Tel. 2.192

10, Rua da Nova Alfandega, Porto - Tel. 2.192

10, Rua da Nova Alfandega, Porto - Tel. 2.192

10, Rua da Nova Alfandega, Porto - Tel. 2.192

10, Rua da Nova Alfandega, Porto - Tel. 2.192

10, Rua da Nova Alfandega, Porto - Tel. 2.192

10, Rua da Nova Alfandega, Porto - Tel. 2.192

10, Rua da Nova Alfandega, Porto - Tel. 2.192

10, Rua da Nova Alfandega, Porto - Tel. 2.192

10, Rua da Nova Alfandega, Porto - Tel. 2.192

10, Rua da Nova Alfandega, Porto - Tel. 2.192

10, Rua da Nova Alfandega, Porto - Tel. 2.192

10, Rua da Nova Alfandega, Porto - Tel. 2.192

10, Rua da Nova Alfandega, Porto - Tel. 2.192

10, Rua da Nova Alfandega, Porto - Tel. 2.192

10, Rua da Nova Alfandega, Porto - Tel. 2.192